

Stadium

N.º 203 — 23 de Outubro de 1946 — Esc. 2\$00

ARAÚJO

do

Futebol

Clube

do

Porto



N.º 203 - 23 de Outubro de 1946 - Cap. 2800

A ILUMINANTE

MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICACOES

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 a 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*



Os jogadores do Cuf em pleno treino, sob a direcção do Viriato. Uma corrida malhada é feita ao jogador da bola?

Todos os teams praticam hoje ginástica. A Cuf não foge à regra; o jogador da bola já compreende os benefícios da ginástica!



C.U.F., eis um CLUBE!

—...Que não está posto de parte. No entanto, presentemente, orientamos os nossos trabalhos no sentido de obter uma melhor e mais perfeita orientação interna. Depois, arremadas as idéias nos seus devidos lugares, pensaremos sossegadamente em projectos de maior vulto. Temos o apoio da Direcção da C. U. F.

— O andebol e o basquetebol são as duas modalidades que se seguem ao futebol.

Na primeira, os resultados da época passada ainda animaram mais a secção. Estamos preparados para o novo periodo.

O basquetebol merece-nos a maior atenção. Este ano, o Cuf será adversário de mérito. Também preparamos gente nova. Trinta juniores estão recebendo os seus treinos. Cuidamos igualmente de dar actividade à natção. Os irmãos Silva Marques ocupam-se dos nossos futuros nadadores. Na próxima época já compareceremos às provas e vamos instalar-nos na doca de Santo Amaro. No remo é a nossa secção do Barreiro que fala com a sua actividade excelente. O que em campo deverá vir a contar connosco. Mas temos ainda uma actividade de que cuidamos com grande interesse: a ginástica. Todos os novos atletas recebem as suas lições. Divididos por várias turmas todos quantos no C. U. F. praticam desporto tem a sua ginástica obrigatória. Depois deles as várias classes que mantemos destinadas aos filhos dos sócios e aos rapazes do bairro.

Este pormenor é de facto valioso. O Desportivo da C. U. F. dispõe de um bom ginásio coberto. Duas salas espaçosas providas da necessária aparelhagem e onde o sr. capitão Tassarra Machado exerce a sua actividade de professor de ginástica.

Um outro cuidado que os dirigentes do Cuf têm em especial: amparo médico, de enfermagem e a necessária massagem. Estamos na presença de um clube!

FERNANDO SÁ

O que anima a vida do Grupo Desportivo da C. U. F.? Tem a sua direcção alguns projectos a valorizar a ideia que fundou o grupo? Que poderemos esperar do C. U. F.?

Com estas interrogações entramos na sala da direcção do Desportivo da C. U. F. E não saímos, sem resposta. António Davim, o secretário-adjunto, falou claro!

— Julga-se talvez um pouco diferente a verdadeira razão de ser do C. U. F. — Diz-nos António Davim.

O clube mantém a sua finalidade desportiva e o facto de estar ligado a uma empresa industrial não invalida a sua orientação no sentido de ser um clube como os outros. E verdade é que contamos com centenas de sócios que não são empregados da C. U. F., como também temos empregados que são jogadores de outros clubes.

Especialmente a nossa ideia fixa-se na formação de um grande clube que espalhe a sua actividade nesta zona que vai de Alcantara ao Belem. E' o bairro industrial da cidade. O C. U. F. é o seu clube desportivo onde se estuda sempre a possibilidade de manter e ampliar beneficio o social.

— Havia um projecto de instalações?

As secções estão sendo acarinhadas com o maior interesse, não só no aspecto técnico como no de amparo aos nossos jogadores.

O futebol ocupa o primeiro plano. Artur Jonh no seu cargo de orientador técnico está a desenvolver trabalho muito útil. Como treinador, Viriato Silva tem agradado, obtendo resultados que nos satisfazem.

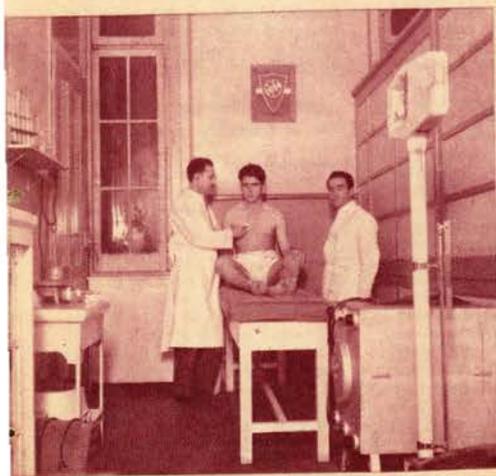
As «saídas» de Travassos e Felix estão tapadas. Correia dos Santos e Gastão, não são inferiores e fazem perfeitamente os lugares.

Mas o Cuf prepara gente nova. Neste momento, o Viriato ocupa-se da preparação de 70 juniores... obra tão interessante!

E António Davim dá-nos informações.

— O arranjo que fazemos no nosso campo de futebol foi de importância. Além da pintura geral com que embelezamos as instalações, o terreno sofreu grandes beneficios. O piso foi totalmente resolvido e abriu-se-lhe uma caixa com 15 cm. onde depois empregamos uma qualidade de terra da melhor que há para o efeito. Isto até ao final da época. Depois procederemos ao seu arrelvamento. Este plano é de acordo com o Sporting. Para o ano, enquanto no nosso campo se proceder ao arrelvamento será o C. U. F. que se servirá do terreno do Sporting.

— Nas outras modalidades?



Não falta, na Cuf, o gabinete médico, e os jogadores são cuidadosamente observados



Na sede há também diversões. Eis a indispensável mesa de ping-pong



Um aspecto do Ginásio, amplo, higiénico e confortável

Sporting e Benfica destacam-se

A derrota do Belenenses põe em foco Marvila!

Crónica de TAVARES DA SILVA



INICIOU-SE a segunda Volta do Campeonato de Lisboa, e a 6.ª jornada fica na história por nos ter dado um dos chamados resultados-surpresa.

O Belenenses caiu em Marvila, agora agitada por um movimento desportivo coloroso. Estas surpresas são tão necessárias à competição como o pão na comida. Embora uma nódoa caia em qualquer pano, as surpresas nunca deixam de ser objecto dos mais vivos comentários. O que sucedeu ao Belenenses vale como aviso. Os outros clubes não deixarão de colher a lição. Que, às vezes, nem a realidade consegue convencer aqueles que se julgam firmados em grande força, esquecendo-se que, em jogo, a força transforma-se em fraqueza com incrível facilidade!

Nos outros terrenos, tudo se passou no melhor dos mundos! O Sporting continuou a afirmar um aperfeiçoamento de forma que, realmente, o coloca no plano de *leader*; posto, que, de resto, ocupa. O grupo produz bom jogo, e não deixa de ser muito curioso, e mesmo significativa, a inovação de Jesus Correia no lugar de Peyroteo, este tocado num dos joelhos.

Também o Benfica continua a navegar triunfante, na prática de um futebol que lhe assenta como luva, de movimentos rápidos, hábeis e imprevisíveis, tentando a melhor conjugação possível de valores.

Saindo do âmbito das vedetas e reportando-nos aos outros concorrentes, é justo afirmar-se que o Oriental está a sustentar uma luta que tem beleza, traduzindo os anseios de um clube, cheio de vida e possibilidades, que pretende à viva força tomar o caminho da glória. A quarta posição na tabela, mesmo que não seja uma posição firme, já representa alguma coisa.

No entanto, este lote dos 3 concorrentes menos categorizados está afastado, no campo da técnica, dos mais representativos. O Atlético tem de trabalhar a fundo se não quiser perder uma posição já conquistada. O *team* não consegue manter os seus fundamentos

técnicos, de que, no entanto, dá prova várias vezes. Da Cuf poderá continuar a dizer-se que é uma equipa animosa, dispondo de alguns jogadores de bom futuro. Um deles, o médio Gastão, está a dar nas vistas.

Foi uma jornada de *goals*! Resultados:

Sporting... 6 — Atlético... 2
Benfica... 5 — C. U. F... 0
Belenenses... 4 — Belenenses... 3

Tão elevada quantidade de bolas tanto poderá significar afina-

O jogo do Oriental venceu um sistema...



EM encanto e colorido ver um jogo em Marvila! Dir-se-ia que as passas palpitam, vibram e sofrem, com mais intensidade. A massa associativa vive na ideia de ver os mais fortes no seu terreno, e na esperança de



Atacando furiosamente as redes da Cuf!

mento dos ataques como abaixamento de *forma* das defesas! No fundo, o Calendário deu-se ao prazer de repartir desigualmente as seis forças que ocupam na Tabela os seguintes lugares:

Sporting, 4 vitórias e 2 empates, 28 bolas contra 12, 16 pontos; Benfica, 4 vitórias, 1 empate e 1 derrota, 26 bolas contra 10, 15 pontos; Belenenses, 2 vitórias, 2 empates e 2 derrotas, 10 bolas contra 10, 12 pontos; Oriental, 2 vitórias, 1 empate e 3 derrotas, 12 bolas contra 21, 11 pontos; Atlético, 1 vitória, 2 empates e 3 derrotas, 11 bolas contra 16, 10 pontos; e Cuf, 1 vitória e 5 derrotas, 9 bolas contra 20, 8 pontos.

que o seu clube dê a réplica necessária. É legítimo!

O Oriental não tem *ases* no seu quadro. Todavia, do conjunto dos onze valores resulta uma média aceitável. O *team* pratica um futebol essencialmente combativo, dando-se os homens à luta com invulgar tenacidade. Os *orientais* nunca se consideram batidos — mesmo quando o adversário já seguiu para a frente. Correm em perseguição, e insistem, e acabam algumas vezes por levar a melhor. Simplesmente, tudo se quer com conta, peso e medida, e em qualquer sistema as unidades desempenham uma função, em certo e determinado território, de forma que não se respeitando os princípios — o futebol ganha cores confusas. Quer-nos parecer que os componentes do Oriental precisam de estudar cada vez mais o jogo, integrando-se no plano que lhes foi indicado.

Mesmo assim — venceu. Sem dúvida, isso é importante. Mas um *team* de clube não é só para

um dia, mas para toda uma época. E não há músculos, nem vontade, nem nervos, que resistam uma época desde que o jogador não se confine numa determinada função.

O Oriental jogou corajosamente, do princípio ao fim. Abriu o activo e sofreu o resultado de 2-1 até ao intervalo, sem quebra de ânimo. Quando, na segunda parte, em luta animada, o desafio lhes forneceu oportunidades, os *orientais* souberam aproveitá-las magistralmente. Nada mais perigoso do que o ataque de um *team* que está a ser dominado. O que domina, em geral, desgarnece um pouco a defesa, e, expondo-se, descobre mais as balizas.

Ao sentir-se perdido, com 2-4, o Belenenses entregou-se todo ao ataque. O seu esforço foi verdadeiramente grandioso, no aspecto atlético. Porque o Belenenses atacou, em fúria, mas sem a seriedade precisa para dirigir com êxito as suas flechas. Além de tudo, jogando quase que sistematicamente pelo centro do terreno, esquecendo-se que as asas estavam mais libertas e que no lado direito se encontrava um homem com singular disposição de bem jogar.

A beleza dos últimos momentos esteve também na oposição dos *orientais*. Nem um só momento os atacantes de Belém deixaram de sentir o sopro dinâmico de um adversário — que não estava disposto a deixar-se bater! Os belenenses, retendo a bola, originaram choques, e, neste processo, os *orientais* são, indiscutivelmente, homens afoitos. Assim, desta maneira, com uma grande penalidade desperdiçada por Rafael, o resultado de 4-3 só deve provocar admiração a quem não esteve em Marvila. Para os que lá estiveram, tudo está bem e tudo está certo.

A defesa do Belenenses, exceptuando o primeiro tempo de Vasco, esteve inferior à sua bitola. Amaro, singular tempo de jogador, destacou-se como o melhor dos médios. Armando, o ponta-direita, transformou-se na grande figura do encontro.

A defesa do Oriental comportou-se bem, especialmente Fernando. Isidoro talvez tenha sido o melhor dos médios, e Augusto destacou-se na linha da frente, seguido de Vicente.

Oriental: Fernando, Abana, Morais, Isidoro, Custódio, Carlos Costa, França, Leitão, Augusto, Vicente e Moura.

Belenenses: Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Elói, Quaresma, José Pedro e Rafael. *Arbitro*: Henrique Borques Leal.

Atrás de um «goal» — outros vêm...



linha geral do Benfica-Cuf disputado no Campo Grande, com interesse e animação, é de marcada superioridade para o Benfica. Con-

frontando os dois grupos que lutaram, seja qual for o aspecto, conclui-se sempre o mesmo. Nada há que dizer a vitórias incontestáveis. No entanto, os desafios como este fornecem ainda matéria de interesse. E também de estudo. Em questões subsidiárias, como

esta, por exemplo: — Como reagiu, e se defendeu, o grupo vencido?

Ora, apesar do fardo pesado de cinco bolas contra, o grupo da Cuf praticou um futebol agradável, de atenção e réplica. No primeiro tempo, mesmo com dez unidades em certo período, lutou com ânimo, e a sua organização defensiva manteve-se em termos de causar embaraços ao cintilante ataque do Benfica. Este quase nunca pôde despedir remates em boas condições: sempre uma antecipação veio cortar o intento...

Já no segundo tempo, extenuado, como facilmente se compreende, e ao intensificar-se o assédio do Benfica, os cufistas não puderam manter íntegra a sua organização defensiva. Não se entregaram, é certo. Mas o ataque dos vencedores pôde mover-se e desenvolver-se um pouco mais à vontade, mostrando, então, do que é capaz: ataque que realiza três bolas em cinco minutos revela um poder grande. Por outro lado, o poder dos goals deve ter diminuído a capacidade da Cuf.

O Benfica teve um período francamente bom e de nota elevada; mas de um modo geral não atingiu grande perfeição de movimentos. Bem sabemos que um onze só atinge o seu melhor quando esportado pelo interesse do resultado. Na verdade, a melhor fase benfiquense verificou-se enquanto o triunfo não estava consolidado, e havia necessidade de carregar no acelerador.

Apreciando o Benfica: defesa segura; média activa; e ataque com altos e baixos, brilhando o extremo Rogério e o interior Baptista, uma asa que está combinando muito bem.

Na Cuf brilhou a parreira de defesas, o médio Gastão e o avançado Armando Carneiro. Um homem da Cuf tornou-se, no entanto, o alvo das atenções gerais: referimo-nos a Eduardo Santos, que executou defesas estupendas, e continuamente, livrando o seu grupo de um desafio angustiante.

Benfica: Machado, Teixeira, Félix, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui, Arsénio, Júlio, Vitor Baptista e Rogério.

Cuf: Eduardo Santos, Marques, Armando, Curtinhal, Bernardo, Gastão, Serra, Correia Santos, Sousa Pereira, Armando Carneiro e Vicente.

Árbitro: António de Almeida.

O Sporting venceu com tranquilidade



ataque leonino está a dar boa conta do recado. E é curioso verificar como Jesus Correia liga bem com os interiores, e estes se adaptam à maneira de aquele. No passado domingo, então, o centro-substituto impulsionou toda a avançada, com a sua rapidez e espírito de ataque. Os companheiros acreditavam nele, e o jogo de J. C. tem eficácia e realização.

Logo na primeira parte, os leões puseram-se (nunca fiando!) a coberto de todas as surpresas: cinco bolas é um resultado confortável! Seus autores: Vasques (1.º), Canário (2.º), Jesus Correia (3.º e 5.º) e Albano (4.º). O ataque desenvolveu belas combinações,

O ESTORIL PRAIA reabilitou-se

A segunda volta do campeonato da II Divisão da A. F. L. principiou no último domingo. Programa igual ao do primeiro domingo do torneio — portanto capaz de confirmar ou rectificar os resultados da jornada inaugural.

Predominou a confirmação, pois dois dos três encontros foram ganhos pelas equipas que já haviam triunfado há cinco semanas — o Estoril e o Futebol Benfica. Só o Sacavenense pôde alcançar almejada desforra, que coincidiu com a sua primeira vitória neste campeonato.

A prova prossegue, todavia, com apreciável interesse, porque os resultados não têm sido de molde a que qualquer dos concorrentes se distancie. No entanto, pode acreditar-se mais nas possibilidades do Estoril e do F. Benfica, que vão defrontar-se no próximo domingo.

Os desafios de domingo passado tiveram os seguintes resultados: Operário-Estoril, 1-5; F. Benfi-

ca-Casa Pia, 5-1; Sacavenense-Arrols, 4-3.

Os estorilistas formaram a única equipa que ganhou fora de casa. E ganhou bem, diga-se desde já, a despeito da réplica valorosa do adversário. Numa altura em que se começava a descer das possibilidades do grupo da Costa do Sol e em que as suas aspirações pareciam um pouco comprometidas, o resultado de domingo e, mais do que isso, a sua exibição deixaram a impressão de que a crise foi rapidamente debelada. O jogo do próximo domingo dirá se é assim ou não.

O jogo F. Benfica-Casa Pia era aguardado com muito interesse, depois da proeza dos casapianos, batendo o Estoril há oito dias. Mas, privados do concurso de três jogadores, os casapianos não puderam voltar a ter comportamento tão meritório. Mesmo assim, a sua actuação não era de molde a justificar tão severa punição.

O Sacavenense triunfou pela primeira vez, sem que se possa regatear o mérito da vitória. É certo que não produziu grande exibição de futebol, tal qual aconteceu com o adversário. Mas o apego com que todos os seus jogadores se empenharam na luta mereceu tal recompensa.

Diamantino Dias

Velocidades

CHEGAR mais depressa, talvez na vã ambição de vencer o tempo implacável, tem sido sempre um dos objectivos dominantes das aspirações humanas. Exacerbada pelos recursos que o progresso mecânico e o avanço da ciência lhe têm proporcionado, esta aspiração tornou-se, sem possibilidade de dúvida, a característica principal do nosso século.

A velocidade no transporte atingiu quase o inverosímil, cujos limites aliás cada vez mais se distanciam à medida que a persistência e a vontade dos homens lhe vão violando as fronteiras.

Quando os primeiros automóveis começaram sulcando as estradas, afirmava-se peremptoriamente que havia sido atingido o limite máximo da rapidez, pois além dos setenta ou oitenta à hora — demonstravam os cientistas com prolixa argumentação — as perturbações circulares causadas pela deslocação seriam tão graves que causariam a morte.

Hoje, tal velocidade média equívale a andar devagar.

Os jornais anunciaram há dias que iam ser lançados sobre o

O FUTEBOL da 3.ª Divisão

O futebol está a animar-se à medida que o campeonato de Lisboa avança — que os pensamentos já andam ligados ao Nacional que se avizinha.

Neste momento 396 jogadores disputam, domingo a domingo, os encontros das duas divisões, mas não tarda que este número seja ultrapassado.

No próximo dia 27 de Outubro inicia-se o Campeonato da III Divisão. Dezoito clubes, cada um pondo em jogo duas categorias, honra e reserva, vão ajudar a movimentar ainda mais o futebol lisboeta.

São mais 396 jogadores com os quais se chega quase às oito centenas.

Este campeonato é curioso e animado, servindo até muito a propagação do jogo. Para muitos é o primeiro degrau para ascender aos clubes mais categorizados e quantas têm sido as revelações.

Rodeia-se ainda este Torneio de um aspecto diverso dos outros dois, servindo uma outra camada de público, bem popular e sobretudo defendendo um bairrismo acérrimo e entusiástico.

De uma maneira geral, os clubes da III Divisão têm a sua história nesta prova, comparando sempre animosos e interessados pela prática do jogo e pela conquista da sua finalidade. O número um da classificação poderá subir à II Divisão; e quem sabe? — um pouco mais ainda!

O Campeonato deste ano mantém a subdivisão existente dos clubes concorrentes em três séries (A, B e C).

Na série A: Desportivo dos Olivais, Desportivo da C. P., Sintrense, Sport Lisboa e Olivais, Vitória Clube de Lisboa e Amoreiras.

Na série B agrupam-se: Miranlense, Palmense, Operário, Esperança, Cascalheira e Tarujense.

A série C compõe-se de: Oeiras, Bom Sucesso, Paired, Carcavelos, Paço de Arcos e Cascais.

Atlântico os primeiros aviões de velocidade superior à do som; por prudência (os primeiros experimentos foram fatais para o condutor da aeronave, que se precipitou no Tamisa), os citados aviões seguirão sem piloto, guiados de terra pelos meios já vulgarizados.

Lançadas assim no espaço a uma velocidade superior a 1000 quilómetros horários, estas máquinas accionadas por jacto constituirão para o futuro um incrível meio de transporte, que reduzirá as distâncias em proporções nunca imaginadas.

Vamos a caminho do paradoxo e, qualquer dia, o viajante acaba por chegar ao seu destino, se caminhar para occidente, antes da hora em que parte.

O BARREIRO Fabrica de jogadores!

BARREIRO, essa grande e laboriosa vila, que lá podia ser cidade, que só o não é, talvez, por estar a dois passos de Lisboa — dois passos largos, por cima da água... tem de considerar-se como um alambique de jogadores de futebol — mais, como uma mina inesgotável... Todos ali vão «alimentar-se». E o «filho» não seca... O Barreiro dá jogadores para os seus clubes — e para os outros, para muitos outros...

Em todos os países há regiões ou cidades privilegiadas para o futebol. Em Portugal o Barreiro é bem um ponto de eleição futebolística...

Duvidam? Não, concerteza. Pois se o que digo é tão fácil de demonstrar! O futebol barreirense tem sabor especial. É alegre, filigranado, fino, rico de valores e de características próprias. Os jogadores feitos no Barreiro revelam sempre alguma coisa de muito seu, de típico, que os distingue dos outros. O seu jogar é todo arte — a arte, neles inimitável, de dominar a bola. Arte em que foi mestre o Pedro Píreza. Em que são mestres o Quaresma, o Armando Ferreira, o Arsénio, o João da Palma, o Rebelo...

Dá-se com o Barreiro o que se dá em Espanha com várias regiões. No país vizinho há o que os espanhóis chamam «canteras»... É a «cantera vasca» — onde o Atlético de Bilbau procura os seus jogadores; é a «cantera catalã» — que alimenta o Barcelona; é a «cantera andaluza» — que mantém o Sevilla...

E se o futebol sevillano difere do futebol das outras regiões — também o do Barreiro difere do restante futebol português. Há neles algo de súbtil, de impalpável — de «pessoal» para esclarecer melhor a minha ideia.

Um Pedro Píreza equivale a um Barrorral; um Quaresma assemelha-se a um Arza. Todos jogadores finos, de primoroso toque de bola, «cerebrais» — ainda numa palavra. E se o futebol «vilhano» deu, fugindo às suas características, um Campanal, impetuoso, fulminante no remate; «agressivo» no sentido de realizador — o futebol barreirense dá, Soeiro, um arlete, uma cunha sempre metida nas defesas adversárias, um jogador temível pelos seus pontapés fortes, certeiros, devastadores... E se à sombra da Giralda se criou Elizaguirre, à sombra das agulhas chamínias do Barreiro criou-se Azevedo! Aquelle — ainda teve um Ricardo Zamora a barrar-lhe o caminho; Azevedo — tem sido senhor absoluto, um «astro» que teima em conservar o brilho...

Mas porque será esta tendência, esta queda, dos ba reirenses para o futebol? Talvez se possa explicar... Vou tentá-lo.

Augusto Sabbo levou para o Barreiro o «virtus» do jogo. Pegu! E a mocidade da vila esqueceu todos os antigos brinquedos próprios da infância — o «cixo», o «jara ferro», as «ovas», a «barra», o «pião» — para só pensar na bola. Ardente e apaixonada, encontrando «campos» de jogo em toda a parte, a rapaziada do Barreiro, entregou-se ao jogo da bola com o entusiasmo vivo, esufiante, da gente da terra...

Quem vá um dia ao Barreiro vê um «campo» em toda a parte. À ida para a escola ou quando dela voltou; às portas das oficinas se têm, pobre deles, de «ganhar o pão com o suor do rosto», os moços barreirenses só encontram no pontapear da bola — seja ela de papéis ou de trapos ou de borracha... o divertimento que os satisfaz. Às vezes passam horas — a matar o «vício». E formam-se, assim, os jogadores «mestres» a dominarem a bola! O resto, a característica que assinala os barreirenses — a espantosa perfeição de todos no «trabalhar» da bola — vem depois: da emulação, porque todos querem fazer melhor, mostrar mais habilidades...

Terei visto bem? Talvez sim. E — Talvez não!...

Mas ainda que as causas sejam outras — os efeitos são sempre iguais. Que extraordinários jogadores tem forjado a «cantera» barreirense! Eis alguns deles: o grande Azevedo, o maior guarda-redes português de todos os tempos (permita-se esta opinião a quem viu jogar outros famosos «keepers»...); o inextinguível Pedro Píreza, artista sublime a dominar a bola, brincando com ela, a sorrir sem esforço; o inigualável Soeiro, coração sempre no jogo, ardoroso, combativo e dedicado...

Estes são, em meu entender, os mais representativos barreirenses no futebol nacional.

Depois, encontro: Moreira, médio centro ou direito se fôr preciso — perfeito a entregar a bola aos avançados, como poucos o sabem fazer; Quaresma tão pessoal na sua acção; Armando Ferreira, João da Palma e Rebelo, fazendo com o maior à vontade o que querem da bola; Verissimo, que chegou a ser guarda-redes suplente da equipa nacional; Raul Jorge, sóbrio e eficaz, jogador consciente e sabedor; Leonel; Baptista; Raul Baptista; Alvaro Pina, um médio centro de jogo vistoso e útil; Pascoal; Curtinhal; Felix um antigo médio centro que está afirmando agora bom sentido de aplicação à defesa; João Píreza, quase igual ao irmão Pedro; Francisco Câmara, um «keeper» valoroso e de longa actividade; Maximino, miúdo, vivo, azougado difícil de marcar; José Correia, o «Toupeira», um pronto a fazer, por entre as defesas; Mendonça Soares, duro, batalhador; António Carvalho, um médio ala feroz e valente; Ricardo Vale, sóbrio mas boa unidade de conjunto; Camilo Pina, irmão do internacional Alvaro, médio-centro como este...

Da geração mais moderna — e alguns estão naquele lote — salientou-se Arsénio, tão habilidoso, tão frágil — um pouco por culpa própria... — de jogo tão imprevisível; Rogério Simões, bom dominador da bola, para não fugir às tradições barreirense e Vasques, um rapazote de 19 anos que no Sporting está a pisar o trilho de Pedro Píreza, tendo um pouco deste, muito mesmo, e um pouco do tio, o inesquecível Soeiro...

A lista é longa, interminável. Sim, não pode ficar-se por ali... Mas não é preciso ir mais além. O que dissemos — basta! É basta para revelar o valor do futebol barreirense desse «filho» inextinguível, que criou raízes fundas, rijas — bem... adubadas...

A «cantera» barreirense merece esta homenagem. E, ao prestá-la, fico a pensar até onde poderia chegar um Pedro Píreza, símbolo da disposição dos barreirenses para o futebol, se a sua aprendizagem tivesse sido feita num campo relvado em vez da areia da praia — e se em toda a sua carreira só tivesse pisado campos de relva... A bola, nos seus pés, sobre o tapete verde do campo, tomaria então os efeitos caprichosos que um Ferraz ou um Alabern sabem dar às bolas que giram sobre o pano verde do bilhar!...



AZEVEDO



MOREIRA



QUARESMA



SOEIRO



VASQUES



PIREZA

O BELENENSES

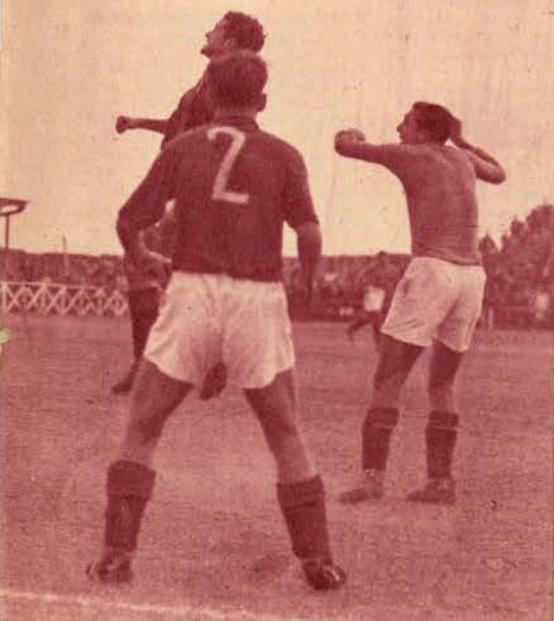
não passou em
marvila

Que sucederá
E aos OUTROS?

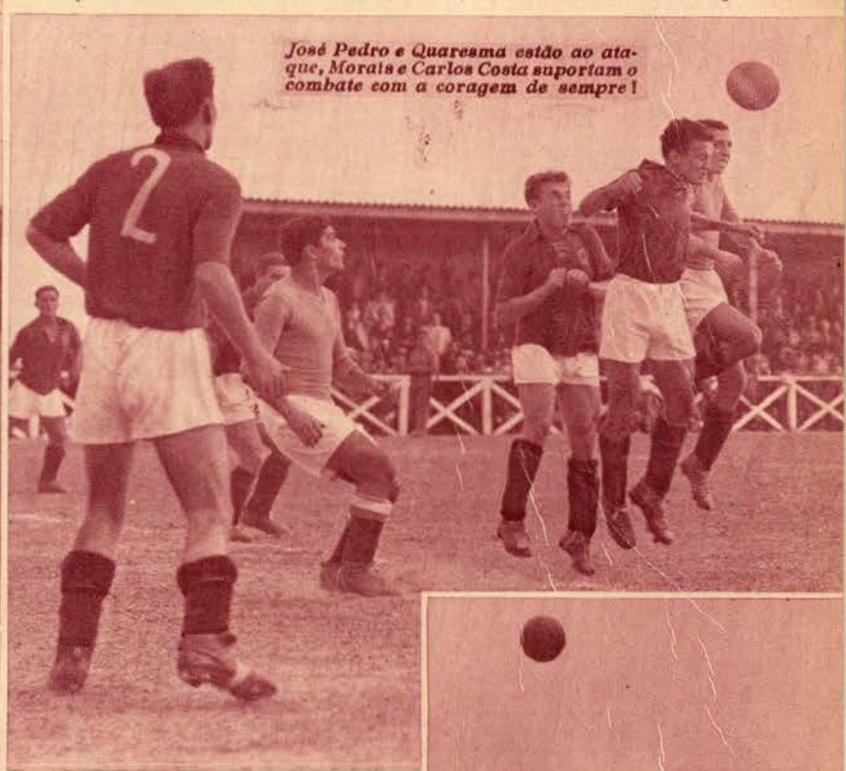
José Pedro como que se enco-
lhe... O adversário faz futsal



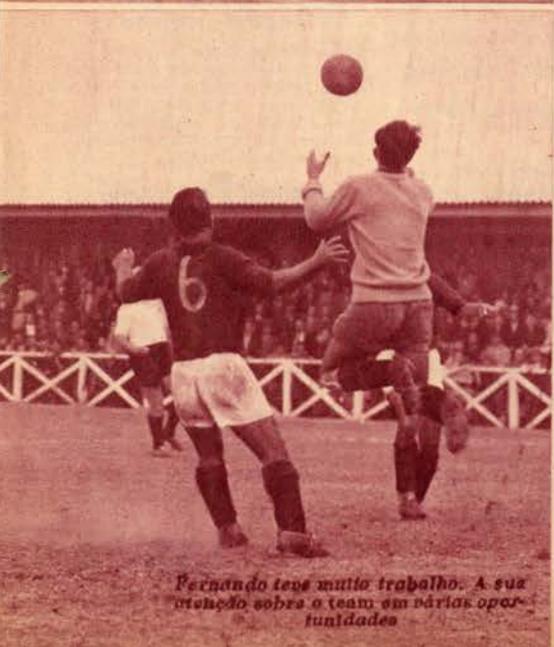
A defesa do Oriental viu-se por vezes embaraçada. Defendem-se porém, sempre com denodo. Fernando, nesta fase, defende, mas os outros estão vigilantes...



José Pedro e Quaresma estão ao ata-
que, Morais e Carlos Costa suportam o
combate com a coragem de sempre!



Quatro jogadores saltam à bola: ao
que parece, todos cometem faltas...



Fernando teve muito trabalho. A sua
menção sobre o team em várias opor-
tunidades



A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE

A primeira derrota de Gallie

CYRIL GALLIE, o peso-leve de Cardiff, foi posto fora de combate, pela primeira vez, nos Estados Unidos. Seu vencedor chama-se Lenny Mancini, do Ohio, realizando a proeza ao 1.º assalto. Outro pugilista inglês, Harry Silver, de Londres, perdeu ao 6.º assalto pelo mesmo processo, frente a Raul Zenit, mexicano, na noite e local do desafio anterior (Nova-York).

Um combate transferido

O combate anunciado para 22 do corrente, a efectuar em Londres, entre Joe Baksi, americano, e Freddie Mills, inglês, foi transferido para data ulterior, devido ao falecimento da mãe do primeiro.

Esta luta serve de eliminatória do campeonato do Mundo dos pesados.

Valdés, novo campeão de Espanha

O conhecido pugilista espanhol José Valdés Ruiz, que combateu em Lisboa contra Levi, Martins, etc., conquistou agora o título de campeão dos leves, vencendo por pontos Pascual Garcia. O desafio foi pouco brilhante porque lhe faltou emoção, mas, no final dos 12 assaltos, a vitória só devia ser atribuída a Valdés.

Em semi-fundo, Mariano Hita e Teodoro Gonzalez fizeram match nulo em 8 rounds.

... e Romero também

CONFORME noutro lugar publicamos, o excelente pugilista catalão Luis Romero adjudicou mais outro título, que aliás já possuía, batendo Librero por fora de combate ao 8.º assalto.

Romero é actualmente o mais promissor dos campeões espanhóis e aquele que parece ter melhor classe internacional. Com este resultado, fica detentor dos títulos supremos nas categorias «levisísimos» e «meios-leves», facto pouco comum, que atesta as suas qualidades.

O combate Paco Bueno-Tandberg adiado

FOI adiado o desafio entre o campeão de Espanha e da Suécia de todas as categorias. Motivo: surgiu uma proposta atrante para combater o polaco-francês Estêvão Olek, em eliminatória do Campeonato da Europa.

CICLISMO

O campeão mundial de velocidade

REALIZOU-SE agora a final do campeonato do mundo de velocidade, que ficara adiada por desastre do corredor francês Senftleben em Agosto passado.

Ainda mal refeito das lesões sofridas, Senftleben foi batido nas duas «mãos» pelo holandês Jan Darken.

Os 200 metros foram percorridos, respectivamente, em 12,2 e 11,6 segundos.

NOTA DA SEMANA

UM nadador cego, natural das Ilhas havaianas, realizou recentemente uma proeza que se pode considerar sensacional sob muitos aspectos.

Apesar da sua lamentável inferioridade, por falta de vista, e de rondar cerca dos cinquenta anos, mergulhou nas águas do Oceano Pacífico, transpondo a nado 35 quilómetros, distância que separa a Ilha Catalina da costa californiana, gastando no trajecto 22 horas e 51 minutos.

Kink Nawahu é o nome do arrojado e resistente desportista, que durante a prova se orientou pela vibração de um sino pequeno, conduzido a bordo do barco que lhe serviu de apoio durante a tentativa.

Nawahu foi a quarta pessoa que, até hoje, conseguiu vencer o difícil canal. O seu feito pode comparar-se — pela estranha e lamentável circunstância da inferioridade física de ambos... — ao do nadador americano sem- pernas, Charles Zimny, que tentou cruzar a Mancha e desistiu da prova, após 40 milhas de percurso, devido ao mau estado do mar.

Este pobre aleijado detém o recorde de permanência no elemento líquido desde 27 de Outubro de 1931. Nadou cinco dias consecutivos e, decerto, pairou em calma grande parte do tempo... — totalizando 100 horas de «molho» nas águas de Honolulu.

A propósito, achamos oportuno dizer algo sobre o emprego frequente da palavra atleta, referida a qualquer desportista que realiza determinado êxito. Exagera-se e banaliza-se o conceito de homem «forte» quando, por vezes, se trata, apenas, de homem «destro».

Estão, neste particular, os dois bacalhaus humanos atrás citados, o sem- pernas e o cego, cujas imperfeições físicas excluem, forçosamente, a ideia de uma anatomia atlética.

Como eles, vejam pelos estádios e campos de treinos muitas criaturas de aspecto raquítico, doentio e minúsculo, a quem por ignorância — ou ironia... — nos acostumamos de apelar atletas quando são praticantes de desporto, ou desportistas, e nada mais.

R. B.

AUTOMOBILISMO

O 8.º Prémio «Peña Rhin»

AS duas principais corridas de automóveis da Península Ibérica foram sempre, desde o início, o Circuito de S. Sebastian e o Peña Rhin, de Barcelona.

Está para muito breve o reaparecimento desta segunda grande prova, na qual tomarão parte Villapadierna, Joaquim Palácio e Alberto Puig, por Espanha, o célebre Tazio Nuvolari, italiano, alguns ingleses, etc.

O circuito escolhido foi o de Pedralbes, que apresenta três viragens apertadas e bons troços rectilíneos.

A data proposta para a realização da prova foi o dia 27 do corrente.

O Gran-Prémio de Monza

BELA e impressionante vitória de Nuvolari, conduzindo um carro *Masserati*, no Circuito de Milão, apesar dos seus cinquenta e pico anos de idade! A volta mais rápida executou-a a 196 quilómetros de média, valor superior ao máximo realizado na Europa desde 1934.

Gran-Prémio de Paris

ESTA corrida, organizada por motivo do recente Salão de Exposições de Automóveis, foi ganha por Sommer, francês, pilotando uma viatura *Masserati*, com litro e meio de cilindrada.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

O futebol inglês na semana finda conservou o habitual ritmo, que lhe é peculiar durante o campeonato das Ligas.

Blackpool mantém-se à cabeça da classificação, com 16 pontos e 11 jogos, seguido de *Manchester United*, com 15 e 10, respectivamente, *Sunderland* (14 e 10), etc.

O *Arsenal* e *Huddersfield* permanecem na cauda com 10 jogos e 6 e 5 pontos, enquanto que *Derby County*, ganhador da Taça, ocupa modesta posição intermédia, com 8 pontos.

O *Stoke City*, após seis vitórias consecutivas, recusa a substituir *Georges Mountford* pelo célebre *Matthews*, que é o titular do ofício de «extremo direito».

Na 2.ª Liga produziu-se um resultado inesperado. O *Tottenham* bateu o condutor por 3-1, ganhando substancial vitória fora de casa.

O último tento, marcado no derradeiro minuto por *Leslie Medley*, foi o «canto do cisne» deste jogador. Parte brevemente para o Canadá e abandona o futebol.

O *Barnsley*, apesar da derrota, continua à frente com 16 pontos em 11 jogos, perseguido pelo *Newcastle* — que insiste na aquisição de jogadores, mas leva sucessivas recusas... — com 13 em 10, pelo *Manchester City* (13 em 9) e *West Bromwich Albion* (13 em 10). Igual número de pontos têm o *Chesterfield*, *Burnley* e *Tulham*, pelo que a luta é áspera neste sector. Na cauda, com 3 pontos, conserva-se o *Newport County* (1 vitória e 1 empate).

Na 3.ª Liga (Sul), o *Cardiff City*, o *Queens Park Rangers* e *Bristol Clubs* discutem o primeiro posto.

Cardiff tem mais um ponto e mais um jogo, também, que os restantes e parece mais forte, pois alcançou 5 vitórias consecutivas marcando 20 bolas e sofrendo apenas 1.

Na 3.ª Liga (Norte), *Doncaster* e *Chester* vão na dianteira com 18 pontos, mas o primeiro tem menos um jogo, e a capacidade realizadora dos seus avançados parece superior.

O *Sparta*, de Praga, conquistou afinal a única vitória durante a digressão que fez à Grã-Bretanha, batendo o *Hibernian* por 3-1. Os escoceses jogaram bem, mas os checos foram sensivelmente melhores, não marcando maior número de tentos devido ao bom trabalho do guarda-redes, Kerr, que efectuou oportunas defesas.

A imprensa, aplaudindo a exibição dos visitantes, afirma que foi esta a sua melhor prova técnica e muito superior à anteceder

Os impostos que oneram os desafios de futebol asfixiam a vida clubista e o próprio futebol. Excepcionalmente meia dúzia de jogos no país, os outros não dão rendimento suficiente. As receitas não chegam para os encargos. Poderá continuar semelhante estado de coisas?

A Associação de Futebol de Lisboa interdiu por trinta e sessenta dias, respectivamente, os campos do Estoril Praia e do Arroios.

Causas? — Em virtude dos lamentáveis incidentes registados nesses campos durante e depois dos jogos do passado dia 13.

É de deplorar que ainda sucedam cenas tão altamente perturbadoras nos campos da bola. A ideia de ganhar continua a dominar os homens, prevalecendo sobre o espírito desportivo.

Começará, provavelmente, no segundo domingo de Novembro o campeonato corporativo, em Lisboa, competição que já abrange todo o país num crescendo de entusiasmo. Mais de trinta equipas, sob a égide da Fnal, disputam o torneio lisboeta.

Pretende o Organismo do Trabalhador português dar a este campeonato características de recreio e de confraternização, embora numa fórmula de competição. É muito difícil, no entanto, atingir os objectivos a que se propõem os organizadores do Torneio. Sempre a ideia de ganhar como causa perturbadora!

O Allético, por ter alinhado indevidamente um jogador, Américo da Cunha Barbosa, viu-se privado de um resultado que conquistara em campo. Sporting, seu adversário, beneficiou, marcando uma vitória.

Os clubes devem ter o maior cuidado no cumprimento dos regulamentos, lembrando-se de que não há nada mais aborrecido do que vencer em campo e perder na secretaria...

Escartin tem realmente razão ao focar a vida que muitos jogadores de futebol levam, provocando doenças que não são devidas ao desporto que praticam, mas que têm origem no seu viver desregrado. Além de tudo, o futebol acarreta depois com acusações sem o mínimo fundamento!

Há resposta para tudo...

No próximo número continuaremos a publicar esta secção, que tão boa aceitação tem dos nossos leitores.

Devido à quantidade de perguntas que temos em nosso poder, já atrasadas, só aceleraremos, agora, de cada vez, uma questão. Mesmo assim, devemos ter dificuldade em satisfazer todos.

No Mundo da Bola

PeLo JORNALISTA DESCONHECIDO

OS ESTÁGIOS 3 Assuntos

UMA POUSADA NO VALE DO JAMOR

Já em tempos a questão foi debatida. Sempre que o *team* nacional se encontra na fase da preparação, o assunto vem à baila. Percorremos os arredores de Lisboa, e só com as maiores dificuldades é que se consegue descobrir um local que sirva para o estágio dos jogadores. Por fortuna dispomos hoje, por amável gesto dos directores da Companhia do Gás e Electricidade, da colónia de Venda do Pinheiro, mas é evidente que semelhante situação não poderá eternamente prolongar-se...

O problema existe e mantém-se também para os clubes, que, no desenvolvimento dos campeonatos, sentindo a necessidade de fazer repouso os seus elementos, os enviam para Canaças ou para outros locais semelhantes, terras de ar puro e vida sadia, ainda que as instalações nesses locais não disponham, em geral, de uns mínimos requisitos indispensáveis. Todavia, esses clubes não procuram sequer a solução para o caso. E tudo continua na mesma.

O seleccionador, Tavares de Silva, lançou a ideia na época passada de construir-se no quadro do Estádio Nacional uma espécie de Pousada, com as suficientes acomodações para um estágio, sério e cuidadoso, em vésperas de luta importante. Falando outro dia com um dirigente do Estádio Nacional, recebemos a notícia de que o referido melhoramento constava do plano de realizações daquela obra, estando mesmo já delineado nos seus princípios. Estamos em crer que, ao dar-se execução ao projecto, não se deixará de ouvir os técnicos responsáveis para que a Pousada não nasça com defeitos que já não tenham emenda, ou que dificilmente se corrija.

Mas o que necessário, acima de tudo, parece-nos, é construir a Pousada. Em que melhor sítio ela poderia ficar do que no Vale de Jamor, suficientemente afastada de Lisboa para ler o necessário isolamento e, ao mesmo tempo, suficientemente cerca para permitir uma deslocação fácil e cómoda? É ali, no Jamor, que se encontram todas as condições para levar a cabo um estágio modelar dos nossos jogadores de futebol. Não falta um ginásio, nem campo relvado para treinos, nem terreno livre para os grandes passeios que dão saúde e revigoram o indivíduo. Nada falta!

O estágio não é um luxo, mas uma necessidade orgânica e técnica. Não se julgue que o jogador leva uma vida ociosa quando se encontra, alguns dias, na companhia dos outros jogadores; subordina-se a treinos e prescrições, mesmo de ordem médica, tudo conducente ao mesmo fim: — apresentar o jogador nas melhores condições possíveis no momento do encontro. Com as épocas sobrecarregadas que estamos a viver, julgamos que o sistema do estágio se deve implantar definitivamente em Portugal. Alargar-se em vez de desaparecer.

A Pousada para Desportistas está inscrita no quadro do Estádio Nacional. Mas a Federação precisa de dispor de uma instalação *privativa* para os seus jogadores. De resto, esta Pousada teria muitas utilidades. Mesmo no Verão, com a bola parada, não deixaria de servir para restauro de forças e nervos, abalados no decorrer das competições. Não largaremos o assunto de mão. Mas compete à Federação levar a cabo a ideia.

CORRE QUE...

A Associação de Lisboa tem trabalhado infatigavelmente no sentido de modificar o regime de impostos que actualmente onera os desafios de futebol. Também a Federação se tem interessado vivamente pelo assunto.

✦ A indicação dos nomes de Gabriel da Fonseca e Álvaro Santos para a Comissão Distrital de Árbitros de Coimbra foi acolhida com satisfação.

✦ A Comissão de Regulamentos da Federação já reuniu duas vezes nestes últimos tempos. Trabalha com método e acerto.

✦ O antigo campo do Chelas faz falta ao novo clube, o Oriental, que anda em negociações

para ver se poderá continuar a dispor do referido terreno de jogo.

✦ O município da Figueira da Foz incluiu no plano das suas actividades para 1947 o início das obras do seu estádio, na quinta do sr. Emílio Borges.

✦ A questão no Belenenses com José Pedro, que tendia a eternizar-se, já está solucionada. Bem? Mal?

✦ Em Elvas não acabou o interesse pelo futebol. As pessoas abastadas da região continuam a dar-lhe o seu apoio.

✦ A preparação do Grupo Nacional começará em meados de Novembro com um desafio-treino entre a Seleção Nacional e um misto de jogadores.

1 Germinou uma ideia muito curiosa na Comissão de Regulamentos da Federação (eng. Mascarenhas de Meneses, Raul Vieira e major Ribeiro dos Reis), que o nosso camarada Ribeiro dos Reis tornou público em *A Bola*. É possível que o assunto já tivesse sido objecto de conversa, ou troca de impressões, em outras circunstâncias. Porém, o tom oficial é-lhe dado agora.

Julgamos que um campeonato entre seleções distritais, bem regulamentado, despertará o maior dos interesses. Por outro lado, o referido torneio viria facilitar de modo importante a tarefa de seleccionar a e preparação do Grupo Nacional. Ribeiro dos Reis, no referido artigo de quinta-feira passada, enuncia as vantagens da inovação. A primeira vista — os argumentos convencem.

2 Ainda a propósito do Sporting-Benfica disputado no Estádio Nacional, deve pôr-se em relevo a arbitragem de Carlos Canuto. Numa altura em que os árbitros, salvo raras excepções, lançam a desorientação no futebol, punindo a carga regulamentar e deixando passar em claro o truque e a jogada subterránea, o exemplo de Canuto, juiz da velha escola, é pelo menos salutar.

Precisamos todos de encaminhar o futebol português no verdadeiro trilho. Trata-se de um jogo atlético, e tirar-lhe essa característica não é permitido a ninguém, quem quer que seja, mesmo que se lhe entregue um apito mágico com poderes discricionários em campo.

3 Há uma grande falta de treinadores no nosso país. Julgamos que em outras nações sucede o mesmo. Mas isso não adianta nem atrasa. Sabemos de clubes da Província que procuram adiadamente um treinador, sem conseguirem um homem de jeito. Em geral, esses clubes lançam mão de um jogador já no declínio. Ora, muitas vezes, os jogadores, mesmo aqueles que se destacaram com mestria de execução, não têm qualidades nenhuma para o desempenho do cargo de treinador.

Talvez fosse a altura de voltar a estudar-se, e com um pouco de mais perfeição, a organização de um Curso de Treinadores a cargo da Federação.

Bem sabemos que a profissão não será muito rendosa, porque a maioria dos clubes não pode satisfazer um ordenado alto. Mas, em certas hipóteses, não deixará de ser compensadora.

Correia sofre a primeira bola! Quase não se jogava ainda — quando Vasques esferiu um dos mais interessantes golpes de todo o encontro

O PODER Leonino dos GOLOS!



Cada encontro apresenta o seu carácter! Grande parte do encontro está na circunstância de todos os desafios serem diferentes um dos outros: os mesmos adversários, e porventura os mesmos jogadores, dão hoje uma luta determinada, e poucos domingos decorridos, outra bem diferente.

As folhas do Calendário, Atlético-Sporting e Sporting-Atlético, já estão lidas pela *aficção*. E nem sequer é preciso saber ler para as interpretar... Um *team* que joga no seu terreno precisa do complemento no campo do adversário, para dar uma ideia, justa e real, de seus méritos e forças. O Atlético foi vencido na Tapadinha, mercê de uma vigorosa e estupenda reacção do Sporting—quando tudo fazia prever que os *leões* perdessem. Também no passado domingo, em condições de sinal contrário, o Atlético deu-se animosamente no Lumiar A à reacção, mas não conseguiu debelar a doença. O mal era incurável, e já se tinha apoderado de todo o corpo atlético. Do total das suas pugnas, qual delas a mais animada, resulta a superioridade sportinguista. Com o aditamento de que o desafio do Lumiar, além de emoção, teve arte.

As fotografias que publicamos, destacadamente as que figuram *goals*, constituem um belo documentário fotográfico do poder realizador da linha de ataque sportinguista, que, domingo a domingo, se evidencia. Num futebol, como o português, de mau remate, poderão também representar a promessa de uma transformação profunda no capítulo do ataque, em futebol. Tenhamos, ao menos, essa esperança!



Correia sofre a segunda bola! De longe, em remate oportuno, Canário mostra que os médios também sabem rematar...



Correia sofre a terceira bola! O guardaredeas do Atlético lançou-se bem. Mas Jesus Correia pôde realzar o remate à vontade, imparávelmente



Uma fase animada junto das redes do Atlético. Armando Ferreira e Vasques estão ao ataque, mas a defesa porta-se bem



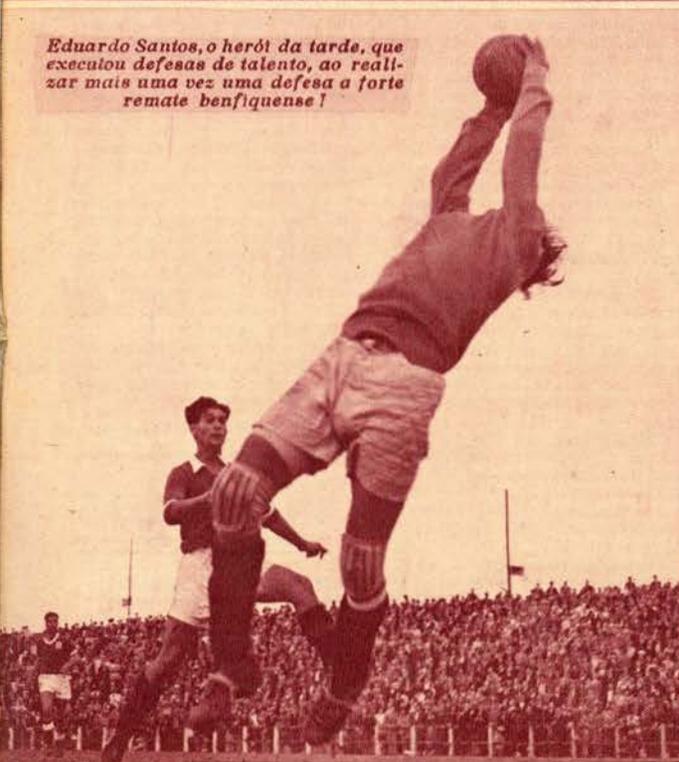
Correia sofre a quarta bola! Albano, de longe, remata por alto, e Correia o guardaredeas não consegue deter a bola



Correia sofre a quinta bola, a última da primeira parte! Correia, o centro dinâmico, bate mais uma vez o homem, esforçado, que defendia as balizas do Atlético



Apenas de não se ver a bola, o lance tem movimento! Sete jogadores interveem no golpe, e esta fase demonstra em eloquência que a partida Benfica-Cuf, empurrou momentos de luta interessante e renhida



Eduardo Santos, o herói da tarde, que executou defesas de talento, ao realizar mais uma vez uma defesa a forte remate benfiquense!

No **BENFICA-C.U.F.**
o mais difícil foi
Começar.



Rogério, pelo seu perigo, sempre foi admirado muito bem merecendo os jogadores da Cuf no desarmamento de um lance!



Junto às redes da Cuf, o aspecto benfiquense é implacável



Hoje molho de jogadores disputam com ordem a bola: uns atacam e outros defendem, mas a luta não consente tréguas!

Análise da temporada de 1946

VI — Os saltadores

SE confrontarmos os resultados dos melhores saltadores desta época com os da temporada anterior, fica-nos a impressão de que o progresso foi nulo; as melhores marcas são inferiores, os nomes que encabeçam a lista são os mesmos.

No entanto, a apreciação global, para ser exacta, não deve ser tão pessimista; porque será tanto mais significativa quanto mais aprofundar na massa dos praticantes, verificaremos assim fazendo que a média — se não melhora nos três ou cinco primeiros — sobe sensivelmente se a extrairmos de quinze ou vinte resultados.

No salto em comprimento, por exemplo, os seis metros, que há alguns anos eram privilégio de boa classificação, passaram a moeda corrente e, na temporada que findou, registaram-se marcas superiores a 6,20 m. a 14 atletas diferentes.

A especialidade em que se mantém maior pobreza continua sendo o salto à vara, que atrai pouquíssimos praticantes, e os poucos que aparecem demonstram técnica rudimentar; nos outros saltos, o conhecimento do estilo, o cuidado na preparação têm aumentado e daí provém a subida citada nos valores novos e médios.

O saltadores em altura não melhoraram na generalidade, mas enriqueceram-se com a inscrição de um atleta de excepcional classe desportiva: António Cardoso.

Começemos pela indicação dos resultados preponderantes:

1,85 m. — Matos Fernandes (Benfica) em 30-VI; (1,80 m. em 10-VI, 1,75 m. em 28-VIII).

1,84 m. — António Cardoso (Sporting) em 28-VIII; (1,75 m. em

29-III, 1,783 m. em 11-IV, 1,80 m. em 30-VI e em 14-VII).

1,75 m. — João Darães (Sporting) em 10-VI; Faustino Guerreiro (Sporting) em 9-VI; António Monteiro Baptista (Sporting) em 9-VI.

Matos Fernandes, que alcançou este ano uma forma transcendente, muito mal aproveitada por incêndia dos dirigentes (notoriamente, ausência da organização do decatlo), igualou a sua melhor marca de 1945; poderá fazer mais com uma especialização de treino restringida para esta prova, que sacrificasse o seu notável eclectismo ao desejo de conquistar um novo recorde nacional para a sua bonita coleção.

As invulgares aptidões de António Cardoso para o atletismo — é o caso de dizer que «filho de peixe sabe nadar» — haviam já sido reconhecidas nuns fugitivos ensaios precedentes; este ano, mais persistente na sua frequência das pistas, conseguiu resultados que o elevam de um só golpe ao primeiro plano da especialidade: campeão e recordista universitário, campeão nacional, internacional e detentor da terceira marca portuguesa. Consideramo-lo o melhor saltador em altura actual; obteve, durante a temporada, marcas de primeiro plano, com estilo ainda muito deficiente e facilmente corrigível. Se quiser trabalhar mais um ano, terá o metro e novecentos — ou mais além — ao seu alcance.

João Darães teve actividade incerta e não pode ser julgado pelos seus resultados.

Faustino Guerreiro e Monteiro Baptista são os dois novos que subiram ao plano de evidência; possuem qualidades, mas não creio que possam considerar-se futuras estrelas no salto.

Citarei ainda dois outros novos saltadores, Pereira Nunes e Xavier Martins, creditados ambos em 1,70 m. nas suas esporádicas aparições, o que é promissor. O primeiro, principalmente, pode ser um atleta de bom futuro.

Salto em comprimento:
Alvaro Dias (Sporting) 6,93 m. em 25-VIII (6,88 m. em 13-VII; 6,83 m. em 27-VII; 6,70 m. em 15-IX).

Edgard Tamegão (Académico) 6,78 m. em 6-VII (6,71 m. em 24-VI; 6,63 m. em 13-VII; 6,73 m. em 27-VII).

João Vieira (Sporting) 6,74 m. em 7-VII (6,65 m. em 13-VII e 6,41 m. em 25-VII).

Matos Fernandes (Benfica) 6,635 m. em 7-VII.

Luis Alcide (Benfica) 6,605 m. em 7-VII (6,46 m. em 13-VII).

Carlos André (Benfica) 6,575 m. em 7-VII (6,275 m. em 16-VI; 6,31 m. em 22-VI).

O campeão nacional e ibérico

Alvaro Dias é um saltador de enormes recursos e excelente estilo, que, infelizmente, incorre no erro de praticar latebol e daí lhe adveem prejuízos para o seu rendimento na especialidade. Deve ser considerado dos melhores prováveis candidatos à selecção olímpica e para tal preparado com especiais cuidados desde já.

Tamegão é outro belo atleta nato, que nunca seguiu preparação de rigor saliente.

É curioso notar que os nossos dois melhores saltadores em comprimento são, ambos, bons atletas completos e decatlistas de merecimento.

João Vieira também este ano quase igualou a sua melhor marca (6,76 m. em 1945), mostrando ligeiros progressos na correção da posição de queda, o seu mais notório defeito. Aprecia-lo-emos como saltador de triplo, a sua prova especial.

Participando numa única competição, Matos Fernandes classificou-se com o quarto melhor resultado da época e prova as suas aptidões, digamos, universais.

Luis Alcide, especializado no triplo, não melhora no comprimento, e Carlos André, ágil e enérgico, foi o melhor dos novos, consagrando-se na sua época de principiante como figura grande do atletismo português.

Triplo salto:
Luis Alcide (Benfica) 14,14 m. em 14-VII (14,085 m. em 30-VI e 14,09 m. em 28-VII).

João Vieira (Sporting) 13,96 m. em 14-VII (13,725 m. em 30-VI e 13,78 m. em 28-VII).

Carlos Oliveira (Braga) 13,435 m. em 14-VII (13,15 m. em 30-VI).

Homero Reis (Benfica) 13,26 m. em 10-VI (13,16 m. em 29-III e 13,20 m. em 14-VII).

Mário Moniz Pereira (Sporting) 13,185 m. em 14-VII (12,62 m. em 29-III, 12,72 m. em 11-IV, 13,12 m. em 10-VI, 13,115 m. em 30-VI e 13,13 m. em 1-IX).

A categoria internacional de Alcide está demonstrada; dificultada a sua preparação pelas ocupações que o mantêm longe de Lisboa, conseguiu óptimos resultados; o estudo meticoloso da relatividade de distâncias entre as três lases do salto poderia assegurar-lhe melhoria apreciável no alcance final.

João Vieira, melhor estilista mas soperado em classe, foi inferior ao que fora; vale com segurança os catorze metros, mas precisa para isso de trabalhar metódicamente, cuidar melhor da queda e não exagerar a amplitude do passo intermediário; falta-lhe depois força impulsiva para o salto final.

Carlos Oliveira, que reapareceu por Braga, é habilidoso mas frágil, e o seu estilo tem muito

a corrigir. Podemos contar com ele para o ano.

O mesmo diríamos de Homero, se quisesse consagrar-se ao atletismo; a sua actividade dispersa-se demasiado por múltiplas modalidades de prática simultânea, e este exagero de esforços, além de perigoso, não o deixará nunca alcançar o limite dos seus recursos de atleta nato.

Moniz Pereira é um modelo de estado e de persistência; exemplar, pode ser apontado como o atleta que extrai o máximo rendimento das suas possibilidades.

Salto à vara:
João Montalvão (Vigorosa) 3,50 m. em 14-VII (3,35 m. em 30-VI, e 3,35 m. em 27-VII).

Alvaro Martins Vieira (Benfica) 3,40 m. em 7-VII e em 14-VII (3,15 m. em 27-VII).

Mário Lemos (Benfica) 3,35 m. em 11-VIII (3,25 m. em 16-VI; 3,30 m. em 7-VII e em 14-VII).

Júlio Santos Vieira (Benfica) 3,30 m. em 30-III, 7-VII e 14-VII.

Alvaro Dias (Sporting) 3,20 m. em 14-VII.

Fraqueza de resultados e esperanças pouco animadoras: Montalvão, rico em possibilidades, não prova melhoria num estilo deficientíssimo e que lhe impede progresso apreciável; Martins Vieira, veterano que merece antes da sua retirada uma pública consagração, está no limite da sua carreira; Alvaro Dias é um saltador de ocasião, saltador por instinto, sem a mínima preparação técnica.

Restam-nos Mário Lemos, talvez o melhor em estilo, mas que deve estar cerca do seu máximo, e Santos Vieira, que, este sim, tem todas as condições para vir a suceder ao mologrado Fernando Boaventura. Assim queira trabalhar como é preciso.

Uma referência ao bracarense Nuno Morais, que parece susceptível de marcar a sua posição nesta especialidade.

Salazar Carreira

Notícias

de todos os desportos

Encontra-se a pagamento até 29 do corrente a taxa de filiação na Associação de Hoquei em Campo de Lisboa. O Torneio de Abertura começará a 9 de Novembro. Está aberta a inscrição para árbitros. O hoquei é um desporto que se pratica entre nós com entusiasmo.

▲ A Federação Portuguesa de Andebol não aceita mais requerimentos de transferência. Quem não andou a tempo — perde a questão.

◆ Já abriu, ante ontem, o novo anexo lectivo no Ginásio Clube Português. O clube conta com os seguintes professores: Curt Johansson e Silva Ferreira (ginástica educativa de homens, senhoras e crianças); Liesel Mertens (ginástica educativa e rítmica); David Hallerstedt (ginástica olímpica); cap. Campos Andrade (esgrima); Júlio Hopffer (jogo de pau); Luis Viegas (pugilismo); Ernesto Sales (pesos e alteres); Humberto Caldas (luta greco-romana); Magalhães Pedrosa (dança para senhoras e meninas); Júlio Repreza e Angelo de Mendonça (ginástica artística); Como médicos: D. Maria Luísa de Palma Carlos e dr. Elísio Montargil. Um bom núcleo, sem dúvida.

◆ As aulas de ginástica no Lisboa Ginásio Clube já abriram. São professores: cap. Celestino Marques Pereira, Anibal Ramos, Curt Johansson, João Moura e Sá, cap. Veiga Cardoso, Manuel Robalo Gouveia, Rogério Torres, cap. Alberto Marques Pereira, Manuel Matos, João Lourenço, António Gomes, Mário Martins Correia, Domingos Miguel e M.^{me} Ruth Heller. Um grupo escolhido de mestres!

Primeira exposição fotográfica de campismo

O Ateneu Comercial de Lisboa vai organizar no Outono uma exposição fotográfica versando as seguintes modalidades: campismo, montanhismo, esqui, desportos náuticos (vela e canoa-gem), pesca desportiva e paisagem.

Na secretaria desportiva do Ateneu continua aberta a admissão de fotografias e encontra-se patente o regulamento respectivo.

Conjuntamente realizam-se palestras sobre os desportos ao ar livre e fotografia, havendo também uma sessão cinematográfica. Eis uma iniciativa muito curiosa, e que não deixará de ter, certamente, muitas adesões.

Luís Romero

duplo campeão

titular dos levíssimos
e semi-leves

LUÍS ROMERO PÉREZ, campeão de Espanha dos «semi-leves», acaba de adquirir outro título — o dos «levíssimos», que já fora seu... — pondo fora de combate, ao 8.º assalto, Eusebio Librero, precedente detentor.

O desafio terminou logicamente, pois a vantagem adquirida por Romero foi franca e rotunda, apesar da temível potência de golpe do vencido.

O novo campeão espanhol dos «levíssimos» é hoje o mais popular e, possivelmente, o mais simpático de todos os titulares do país vizinho. Nasceu em Arcillas, Marrocos, aos 21 de Outubro de 1921, e desde muito jovem trabalhou num circo ambulante, dedicando-se mais tarde ao boxe, como amador. Até ao presente combateu cerca de 60 vezes e as únicas derrotas que mancham o seu brilhante cadastro — uma por desclassificação a favor de Diaz, outra por pontos em face de Fortea e a última frente a Llovera — acham-se completamente salda-



LUIS ROMERO

das pelas cinquenta e tantas vitórias restantes.

Entre outras vítimas suas, conta-se o italiano Bonetti, que não há muito tempo admirámos contra Young Ciclone, Guilherme Martins, etc.

Romero tem uma legítima ambição, que é de lutar com Theo Medina, o excelente cigano francês, que em breve disputará ao inglês Paterson o campeonato europeu dos «levíssimos».

Bastará ver o modo como Romero se apresenta no quadrângulo, a sua confiança, o estilo da sua esgrima elegante e precisa, para avaliar a justiça das suas pretensões a campeão europeu.

Análise retrospectiva da época finda

I — Comentários de ordem geral

UMA vez que a temporada hípica de 1946 se nos afigura virtualmente terminada, não nos parece inoportuna uma análise retrospectiva, espécie de balanço final, de uma época que, não sendo brilhante, decorreu com evidente entusiasmo.

Para não alongar demasiado os comentários, vamos dividir os dois artigos, tratando no primeiro de assuntos de ordem geral e deixando para segundo trabalho o que se refere à actuação de cavaleiros e montadas. Poderemos assim ir um pouco mais longe do que aquilo que nos impunha a falta de espaço.

A época que findou no passado domingo começou mal devido a uma conjugação de datas que se impunha, é certo, mas que redundou em manifesto prejuízo para o hipismo português. A nossa comparticipação no Concurso Hípico de Madrid — quinto ou sexto para os espanhóis, mas primeiro deste ano para os portugueses — não é, nem nunca poderá ser, aconselhável no início da época. Isso corresponde à realização de um desafio internacional de futebol logo em seguida ao chamado «defeso».

Isto deriva de dois defeitos: um, a falta de concursos em Portugal, o outro, o mau hábito de começar os poucos que há demasiado tarde, sabendo-se, como se sabe, que o da capital espanhola nunca vai além do primeiro semestre.

Deste inconveniente resultou, como não podia deixar de ser, que a nossa equipa internacional tivesse partido quase sem treinos, o que se reflectia nos resultados obtidos, bastante inferiores aos do ano passado. Este facto juntou-se ao discutidíssimo problema

de Coimbra, e porque, não menos vezes, se tem proclamado, sem reservas, a imperiosa necessidade da construção de uma piscina na encantadora cidade do Mondego, não queremos deixar de registar a notícia, recentemente vinda a público nos jornais conimbricenses, de que a Câmara Municipal de Coimbra nomeou um arquitecto para proceder ao estudo das condições em que, no plano do Estádio Municipal, deve ser construída a piscina.

Oxalá tudo se conjuga para que o projecto se torne realidade palpável e que, num futuro próximo, os nadadores da segunda Associação do país se possam entregar a treino metódico e regular, não estando dependentes das vicissitudes do Mondego, mas dispondo de instalações que a sua categoria e o seu trabalho sem par, durante dez anos, amplamente justifiquem.

Abreu Torres

da troca de cavalos, que continua a não nos parecer aconselhável.

No Concurso Internacional de Lisboa a equipa estava já mais segura e actua muito mais em harmonia com o seu real valor. Indique-se a vitória colectiva na «Taça de Ouro da Península», em luta com uma equipa espanhola muito melhor apetrechada de cavalos, e ainda as que se obtiveram na «Caça» e na «Regularidade», estas individuais, conseguidas pelo capitão Guedes de Campos e pelo tenente Barros e Canha.

Manteve-se neste certame, e, de resto, em todos os outros, a facilidade das provas, onde só episódicamente surgiram obstáculos a 1 m.50. Os nossos cavalos, habituados a isso, estranham quando em Madrid se lhes deparam «pirâmides» para transpor, apesar de termos montadas que podem ir a boas alturas. É tudo uma questão de treino e de persistência.

No Porto, a maior dificuldade estava nam «maro em crista», mas deve dizer-se que não são «ratoeiros» os obstáculos de aconselhar. Em nossa opinião, devem estes subir-se e aumentarse, evitando no entanto as dificuldades traiçoeiras. Segundo nos disseram os componentes da equipa nacional deste ano, o Concurso de Madrid tinha dificuldades grandes, mas não se recorreu a ratoeiros, sempre aborrecidas.

Lisboa, Porto, Maíra e Cascais deram-nos quatro bons certames, tanto no capítulo de organização como nos que se referem ao entusiasmo dos concorrentes e ao interesse do público. O da Costa do Sol esteve quase a ser internacional, o que muito o valorizaria, mas surgiram dificuldades que impediram a comparação de cavaleiros franceses e espanhóis. Foi pena. Teria sido brilhantíssimo e nada ficaria devendo ao de Lisboa.

Chegámos ao fim da época com uma opinião absolutamente formada — são necessários mais concursos e urge começá-los mais cedo, sem os guardar para depois daqueles que se realizem no estrangeiro e aos quais concorram equipas nacionais.

Porque não se fazem há anos os Concursos da Figueira da Foz, das Pedras Salgadas, das Caldas da Rainha? Porque não continuam a fazer-se os de Crestelo Branco, Vila Franca e Oeiras? Como eles seriam úteis numa época em que há tantos cavalos a meter e em vésperas solenes de uma representação olímpica à altura do valor e do prestígio do hipismo nacional!

Hoive em 1946 cavaleiros e cavalos que se salientaram e outros que por abaxamento de forma não obtiveram classificações à altura do seu nome. A uns e outros nos referiremos, como disse-mos, em posterior trabalho.

Antes Teixeira

NATAÇÃO

O ENCERRAMENTO DA ÉPOCA

no Algés e no Sporting

TEM ido pouco propício para a nataçõ este Outubro chavoso e carrancado. Mesmo assim, e com a temporada oficial a aguardar, apenas, o seu encerramento formal, há colectividades que não esmorecem na sua tarefa nobre e proveitosa de ensinar gente a nadar. E para duas delas — Algés e Dafundo e Sporting Clube de Portugal — foi, no domingo último, dia de festa!

Claro que os festivais de encerramento e, simultaneamente, de apresentação das «escolas» de 1946 tiveram características diferentes. O de Algés teve uma feição. O da doca de Santo Amaro revestiu-se de outros aspectos — o que, aliás, não podia deixar de acontecer. E para quem se tenha dado ao trabalho de assistir a ambas reuniões, e queira compará-las, algumas conclusões pode tirar do seu cotejo.

Que vimos, de manhã, em Santo Amaro? Independentemente dos resultados, e para além deles, o esforço de uma colectividade a procurar fazer obra útil, sem condições para tal. De facto, a doca já não se compadece com as necessidades actuais do meio. E embora se afirme, frequentemente, que querer é poder, diremos que a secção de nataçõ

do Sporting — com o entusiasta Manuel Henriques à frente — quer, mas não pode. A prestigiosa colectividade dos «leões» precisa de uma piscina. E pelo que vimos, na manhã de domingo, sentimo-nos absolutamente à vontade para afirmar que, no dia em que a possuir, o Sporting voltará, sem esforço, a ocupar no panorama da nataçõ portuguesa o lugar brilhante que já conheceu.

Que presenciámos, à tarde, em Algés?

Uma festa bonita, um tanto diferente do habitual, que uma tarde sombria ofuscou um pouco. Mas mesmo assim, mesmo sem corridas disputadas dentro dos moides usuais, o trabalho do Algés, realizado em boas condições — sablinhe-se — esteve em evidência, veio à superfície em toda a sua clareza e grandiosidade. Mas só assim se podem obter resultados satisfatórios. Dispondo de magníficas piscinas e mantendo, remanuscadamente, técnicos de primeira água.

Teremos, finalmente, a piscina de Coimbra?

Porque nestas colunas, em muitos oportunidades, se tem posto em relevo a obra da Associação

Começou o andebol Uma homenagem ao corredor JOSÉ MARTINS



Uma curiosa fase do encontro de andebol entre o Benfica e o Oriental, ganho pelo primeiro daqueles clubes por 7-5



O Grupo Onomástico «Os Joads» prestou no Domingo passado uma significativa homenagem a José Martins, da Iluminante, vencedor da Volta a Portugal. Presidiu o sr. Cruz Filipe, e o campeão José foi vivamente saudado, recebendo um emblema de ouro do clube

DESPORTO CORPORATIVO



A equipa de atiradores do G. A. M. (Grémio dos Armazenistas de Mercaria) vencedora do campeonato corporativo de tiro, em 1.^{as}, 2.^{as} e 3.^{as} categorias

NATAÇÃO



Encerraram-se com brilho as escolas de natação do Algés e do Sporting, após uma época intensa. 1 — Os mais pequenos nadadores do Algés, com os seus instrutores, D. Margarida Pala, António Pala e Hermano Patrone; 2 — Um conjunto dos nadadores sportinguistas feltos nas escolas e que tomaram parte no festival; 3 — O grupo dos nadadores que disputaram as provas de encerramento levadas a cabo no Algés e Dafundo

Transferências...

FALAREMOS apenas do mal que afflige os portuenses, esta época em maré de lamentos sérios e apêgados ao desejo de pedir providências a quem posso ouvir as suas razões. Antes de mais digamos que nem um só momento pensa o autor deste escrito em parcialidade manifesta ou na decisão precipitada dos altos poderes da bola, a quem não será difícil justificar os factos condizentes com a attitude posta nos despachos considerados prejudiciais neste meio em reboliço.

A culpa deve pertencer inteiramente a uma legislação que não corresponde aos anseios da modalidade, dos jogadores e dos clubes. Não resiste a matéria regulamentar agora sacrificada ao sabor mais ou menos habilidoso dos que procuram jogadores de toda a costa e saltam por cima de toda a folha, aos mais ligeiros assomos de investigação. O jogador não tem direitos nem deveres. O clube, por seu turno, se pode forçar as barreiras do estatuto regulador de transferências, não recua perante dificuldades, e todos vemos que elas se dominam com o sorriso nos lábios, embora para isso seja preciso sangrar o espírito da justiça e o direito à vida que aos mais pobres também assiste.

Não custa a muitos baler-se por princípios democráticos que não usam, e por isso aparecem casos como o do Selgueiros, que se viu num repente sem as suas melhores pedras e remetido a uma posição de impossibilidade e desgraça.

Seindo do âmbito clubista, ainda se assiste ao desregramento do futebol na região, desfalca de valores que não pode aproveitar. Os empregos podem não ser melhores em Oñã ou Elvas, mas a lei permite fantasias e lá se vão de corrido os homens tentados por um lugar que poderiam conseguir junto da família e dos amigos. É do clube.

Acerte-se por momentos que os jogadores agora em causa, por desemprego ou coisa parecida, melhoravam de situação na sua terra. Para isso, discutida a impossibilidade manifesta de continuarem no mesmo posto de clube — pediam a transferência. Que acontecia? A pretensão era indeferida. Aparentemente, estava morto o desejo do atleta. Aparentemente, impediu-se o ludíbrio (?), se ele existisse, se não essentesse num propósito racional e humano de progredir na vida. Mas só aparentemente. Ao centro vizinho, por oferta ou incondição, fica automaticamente passada uma carta de alforria, da qual se aproveita como pode ou como quer.

Justo? Responda quem estiver mais dentro destes problemas e da legislação que abre todas as portas para um lado e as encerra para outros. Só por isto voltamos ao assunto, sem uma ideia de ferir ou de impor doutrina, livre de planos de ataque e fofonice.

Tínhamos razão!...

NÓS bem sabíamos que o andebol recebera ferimento grave. Não se quis ver a melhor solução do problema na altura própria, e agora tudo se embarçou estrondosamente. Um despacho da Direcção Geral dos Desportos suspende da sua actividade todos os dirigentes da Associação de Andebol do Porto, a quem será feito um inquérito. Tínhamos razão!

Talvez isto não venha a resolver o incidente. Já na época finda, por ocasião do abandono do F. C. do Porto, se procedeu a determinado inquérito, e não nos parece que fosse encontrada uma solução capaz de resolver o assunto, chamando à ordem os desavindos e fazendo o possível por eliminar as consequências desastrosas da questão.

Pois perdeu-se a melhor altura. Os culpados não tiveram coragem para encarar o caso com serenidade e independência, antes procuraram firmar-se num campo intransigente e tão perigoso que lhes veio a criar uma atmosfera de pouca simpatia e visível falta de respeito.

Se a alguns sectores jornalísticos cabe culpa forte no sucedido, pelo aplauso que deram a gestos declaradamente parciais, não deixa de ser verdade que nesta página procurámos sempre apontar os erros com calma, sem esquecer que a sua gravidade poderia conduzir a uma situação indesejável. Certos elementos, irascíveis ou maldosos, tomaram por certo as coisas por outro lado, fiados na sua olimpica virtude pessoal e desportiva. Prejudicava-se o andebol? Ora, venceram eles...

E assim se chegou a uma situação que a modalidade não merecia. Importa agora ver se ainda é possível «deitar-lhe a mão». Andou-se demais, e por isso foi perdida a confiança em muitas pessoas que «dão o cacauinho» pelas divergências desta natureza. E' o seu entretenimento predilecto.

Mesmo depois do despacho acima referido, não nos repugna acreditar numa campanha de habilidade, que salpique bem duramente o andebol, que o não deixe progredir e viver amparado por um público que sempre o estimou. Oxalá nos enganemos. Mas como no ano findo se desperdiçaram muitas oportunidades, permitimo-nos ficar de guarda aos acontecimentos, que talvez não possam separar-se convenientemente de uns certos nomes e critérios condenados pelo seu mau proceder.

Revista da Semana

FUTEBOL — Resultados da primeira jornada da segunda volta: Académico-Boavista, 0-3; Selgueiros-F. C. do Porto, 2-5; Leça-Leixões, 1-4.

Como se verifica, todos os clubes visitados perderam, e nenhum de modo a merecer desculpa. O desejo que mais atenções despertava efectuou-se no Campo do Lima, entre o Académico e o Boavista, não se tendo verificado qualquer surpresa de vulto.

A vitória do clube do Bessa estava mais ou menos dentro dos cálculos naturais da massa desportiva, não só porque o Boavista tem agora a equipa em forma, como também devido ao facto dos academistas não possuírem ainda o seu conjunto devidamente afinado.

O grupo do Lima resistiu quanto pôde e a sua pouca sorte foi visível quando o Boavista marcou o primeiro tento, com a ajuda do médio Peixoto. Depois deste lance, os homens do Boavista conseguiram impor-se e terminar vencedores sem discussão.

Domingo próximo, o Boavista enfrentará o F. C. do Porto. Ganhará o título? Não falta quem assim o julgue. Por agora pode di-

zer-se que deu um seguro passo para entrar no torneio nacional.

O F. C. do Porto foi ganhar também ao campo do Selgueiros por 5-2. Os encarnados procuraram rectificar os 18-0 da primeira volta, pondo por isso no jogo toda a sua energia. Mas o adversário era mais forte...

Em Leça, o conjunto da casa, ainda com esperanças de fugir ao último lugar, o que lhe será difícil, cedeu perante o Leixões, seu velho rival, que a certa altura ficou a jogar com 10 homens, por saída de Caserio, magoado.

HOQUEI EM CAMPO — Está a disputar-se a taça «Mário Dias», e os resultados da última jornada foram os seguintes: Académico-Vilarenhense, 2-0; F. C. Porto-Boavista, 5-0; L'Air Liquide-Académico, 1-0; Vigorosa-Sport, 3-0; Romaldense-Leixões, 3-0.

CICLISMO — Concluiu-se o campeonato popular com a vitória de Fernando Moreira de Sá, dos Pupilos do Porto, conjunto dos adeptos do F. C. P. A última prova, entre Porto-Penafiel e Porto, foi bem disputada pelos concorrentes.

JOAQUIM, que é de facto um bom jogador de futebol, voltou ao team principal do F. C. do Porto, agora colocado no lugar de médio direito. O leitor está por certo recordado de há semanas, no princípio da época, havermos dito nesta secção que a linha intermediária do compeço nortenho ganharia mais unidade se a constituíssem Joaquim, Romão e Alfredo. Não porque ardesse em nós o desejo de afastar o dedicadíssimo e ainda bom jogador Manuel dos Anjos. Lembrou-nos apenas que os três elementos acima indicados, ainda na força da vida, talvez pudessem contribuir para «liger» um pouco mais a frente com a reatuação, trazendo para o grupo, ao mesmo tempo, um sopro de juventude que começava a faltar-lhe.

Manuel dos Anjos é ainda uma utilidade indiscutível e ao clube pode prestar valiosos serviços. Isso não pode impedir a utilização de quem venha a servir o grupo na sua ausência, que será um facto mais hoje mais amanhã. Como sucedeu a Pinga...

REAPARECEU Correia Dias, um avançado-centro que não maravilha a crítica nem o público, mas sem dúvida rapaz digno da consideração de todos, não exemplar é o seu comportamento em campo.

Sabe-se que Correia Dias pretende retirar-se da bola, por se anunciar o seu próximo consórcio e não receber dinheiros do clube, o que quer dizer — jogar por jogar... Todavia, Correia Dias gosta da sua colectividade e do próprio futebol. Por isso, quando lhe batem à porta não sabe «dizer que não» e encontra em seu pai um adepto fervoroso e sempre pronto a «dizer que sim...».

Ocorre-nos perguntar: — a sua noiva, distinta senhora de Ovar, não gostará também do popular jogo?

CAUSOU sensação a entrada de Vitor Baptista, do Sanjoanense, no Benfica, depois de muitas coisas que se passaram por cá. Ora, diziamos alguém há dias:

«Para quê o agastamento? Jogadores há multos... Parece que seria bom, entretanto, contar um pouco menos com os amigos, principalmente com os que estão ao pé da porta, à qual batem muitas vezes».

EM LEÇA não houve lá muita serenidade por parte de alguns elementos durante o jogo entre o Porto e o grupo da casa. Lamentamos mais uma vez e com toda a sinceridade o nervoso e a pretensão arrojada dos jogadores que procuram vencer pela agressão ou pela deslealdade. A coisa vai fazendo carreira, e o caso não é único ou produzido apenas em Leça. Há jogadores que nem são educados nem dirigidos pelo melhor caminho, é assim nos forçam a condenar atitudes impróprias, insofridos desejos de ganhar sem honra ou glória.

Assinem a STADIUM

A Federação Espanhola de Futebol, no seu último comunicado, anunciou o estado do projecto para criação de uma Mutualidade Nacional para acidentes desportivos sofridos pelos jogadores seus filiados, determinando que no seu orçamento venha a figurar uma importante verba destinada a constituir o primeiro fundo de tão importante obra de assistência.

Este problema, quer sob esta forma escolhida pelos dirigentes espanhóis, quer sob a forma também muitas vezes preconizada de seguro ao jogador, assume importância social e devia ser resolvido como uma garantia, contra todas as eventualidades, para aqueles que se consagram à prática desportiva do futebol.

E' evidente que a questão se reveste de maior importância

ainda nos países onde vigora o regime do profissionalismo, como sucede em Espanha; no entanto, mesmo em referência a praticantes amadores — isto é, que exercem para ganhar a vida e sustentar a família uma profissão independente do jogo que cultivam apenas por passatempo — a Mutualidade ou o Seguro constituem necessidade social, pois se não pode obrigar o patrão a manter os salários a um empregado se que não compareça ao serviço por motivo de acidente sofrido enquanto se dedicava ao futebol.

A iniciativa da Federação Espanhola, que causou nos meios desportivos do país vizinho a melhor impressão, transcendendo dos limites nacionais e é um exemplo a apontar à meditação de todos os dirigentes de organismos superiores similares.

INICIATIVAS DA «STADIUM»

Os nossos Torneios de Problemas de Xadrez

PERFAZ agora um ano que «Stadium» anuncia o primeiro Concurso Internacional de Problemas de Xadrez, começando a série de iniciativas do género, que a nossa Revista tem promovido, com êxito inigualável, em competições nacionais.

Graças à valiosa colaboração de muitos problemistas portugueses e estrangeiros, foram publicados nas colunas da «Stadium» algumas dezenas de problemas inéditos, concorrentes ao I Concurso Temático Internacional. Elevou-se a 99 o número de trabalhos recebidos e enviados para exame e classificação, ao distinto Mestre do Problema espanhol, D. Francisco Novesjergue, Presidente da Sociedad Española de Problemistas de Ajedrez.

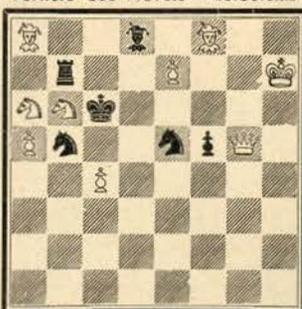
O labor deste grande colaborador do nosso empreendimento é digno de admiração e do nosso melhor agradecimento.

O veredicto encontra-se já em nosso poder, aguardando a melhor oportunidade para ser dado ao público. O momento, esperado com natural curiosidade pelos problemistas portugueses e por inúmeros estrangeiros, chegou. A partir do próximo número será publicado o epílogo da primeira grande iniciativa da «Stadium», no campo do mais intelectual dos desportos — o Jogo do Xadrez.

Torneio dos Problemistas Portugueses

Outra notícia que decerto despertará o interesse dos amadores portugueses: — acabámos de receber o veredicto do Torneio dos Problemistas Portugueses, para o qual foi nomeado o com-

Lema: PAZ
Torneio dos Novéis — «Stadium»



Mate em 2 lances

positor holandês, dr. A. M. Koldijk. A publicação deste relatório seguir-se-á imediatamente ao do Torneio Temático Internacional.

Torneio Internacional de Novéis

Como anunciamos na última crónica, está aberto um novo Concurso de Problemas, dedicado aos Principantes e Iniciados de todo o Mundo.

Exortamos os problemistas portugueses, que estejam ao abrigo das condições requeridas, a cooperarem em mais outra iniciativa, tendente a impulsionar a causa do Problema nacional, com a captação de novos adeptos e o aperfeiçoamento da técnica dos iniciados.

Todas as consultas que nos desejem fazer nesse sentido serão acolhidas gostosamente. Devem ser dirigidas para a nossa Redacção ou directamente ao diri-

O União

Este União é um exemplo admirável de tenacidade. Um poço inesgotável de vontade.

Se os «zeais» entrarem na I Divisão, tenham a certeza que apreciará no futebol português mais uma poderosa equipa.

É um labor de muitos anos, de um entusiasmo inextinguível — o deste clube.

Sem o União, o futebol coimbricense não valeria o que vale, sobretudo desde que foram instituídos os campeonatos nacionais reservados aos vencedores dos torneios das associações.

A própria Académica reconhece que não teria necessidade de ser tantas vezes tão forte — se não fosse o União.

Apesar da tenacidade e da firmeza do União na busca do primeiro lugar — os estudantes não foram ainda desbancados.

Mas o União não desanima. Pelo contrário. Teima. Persiste. Convencido de que triunfará? Certamente. Nem de outra maneira se compreendia o seu esforço e o seu enorme entusiasmo.

Nas vitórias sobre a Académica encontra o União a maior razão de prosseguir e continuar. E está bem. Não deixa de ser homenagem rendida ao clube que ele reconhece também como o seu adversário mais forte.

E repetimos. Se o União chega à I Divisão — saudaremos sempre dia uma equipa que surge para conquistar um grande lugar.

Os Juniores

Falámos dos juniores há oito dias. Voltamos a falar deles.

Dissemos que neste momento o futebol coimbricense tem muitos juniores a jogar nas primeiras categorias. E tem.

Citemos-los. Na Académica, Bentes (que começou na equipa da M. P. de Portalegre, orientada pelo dr. Armando Sampaio, e foi júnior do Desportivo da mesma cidade), Mário Reis e Leite (vindos de igual categoria da Académica); Jacques e António Maria (estes dos juniores da Naval) e Azeredo (do Sporting).

No União: Cameirão (júnior da Académica), Alberto, Símones e Rasteiro (dos juniores do União). Na Naval; Pinto. No Anadiz; Melo, Sebastião, Pratas e Ani-

gente da Secção de Xadrez da «Stadium», sr. Vasco Casimiro dos Santos, Praça das Flores, 15-1.º, Lisboa.

Para estímulo dos «novéis» que desejem iniciar os primeiros passos na modalidade, publicamos hoje um problema da autoria de um novo compositor — outro mais que se inicia nas colunas da «Stadium»!

De salientar o facto curioso de se tratar do tema exigido no nosso Concurso Temático a que acima nos referimos — dupla desprezagem e promoção de um Peão branco.

Deixamos ao cuidado dos nossos prezados leitores a análise do problema em questão.

bal. No Lusitânia; Rendilho, Arlindo e Matos. No Sport; Branco, Veiga, Afonso, Álvaro, Bordadaga, Lebre, Manuel, Fernando, Baptista, Fernando Teixeira e Adriano — um «team» completo, afinal.

É possível que tenhamos omitido outros.

Nas reservas há também muitos juniores.

Uma sugestão a aproveitar para um festival desportivo: um encontro entre uma selecção dos melhores juniores e dos melhores que não foram juniores.

Esse jogo não deixará de esclarecer e revelar certas verdades ainda ignoradas pelos que não reconheceram, ou, se reconheceram, não se entregaram ainda à tarefa de instruir juniores.

Há clubes que não possuam juniores. Mas o pior é haver associações que não instituíram ainda esses campeonatos...

Treinadores

Quanto a treinadores, a Académica deve uma obra de muita profundidade a um homem que, sem ser um técnico portentoso, tinha um jeito especial para ensinar jogadores de futebol; o húngaro Estêvão Puskas.

Antes tinham passado pelo clube escolar dois treinadores mais sabedores do que Puskas — mas demoraram-se menos tempo: Emílio Ramos e outro húngaro, Jenny. Depois destes, esteve outro conhecedor profundo da técnica e da táctica — Lippo Hertza. Mas Lippo demorou-se também muito pouco.

Um treinador terá, antes de mais nada, de saber muito. Se souber — é deixar que ele se fixe.

Os dirigentes e as massas associativas esquecem isto, e em vez de pedirem aos treinadores a obra que eles devem produzir — exigem-lhes, de pronto, «teams» que ganhem.

Há treinadores que não servem. Há. Mas, se o treinador servir — é dar tempo ao tempo...

Ora ainda não se deu esse tempo a nenhum dos poucos treinadores reconhecidamente competentes que têm vindo para Coimbra. E por isso talvez não se tem na devida conta — a sua obra e o seu labor.

Uma piscina e uma pista

O Estádio Municipal começa aos poucos. Mas começa. E isso é que era necessário.

Principia pelo campo de futebol. Continuará com a construção da piscina no topo norte do campo. Um campo de futebol — que será relvado. Uma piscina. Depois a pista para atletismo e ciclismo.

Será precioso para o futebol o campo. Precioso para a natação — a piscina. E a pista deplamente preciosa — por trazer consigo o ressurgimento de duas modalidades profundamente adormecidas há algumas épocas.

Adriano Peixoto

Futebol no Porto

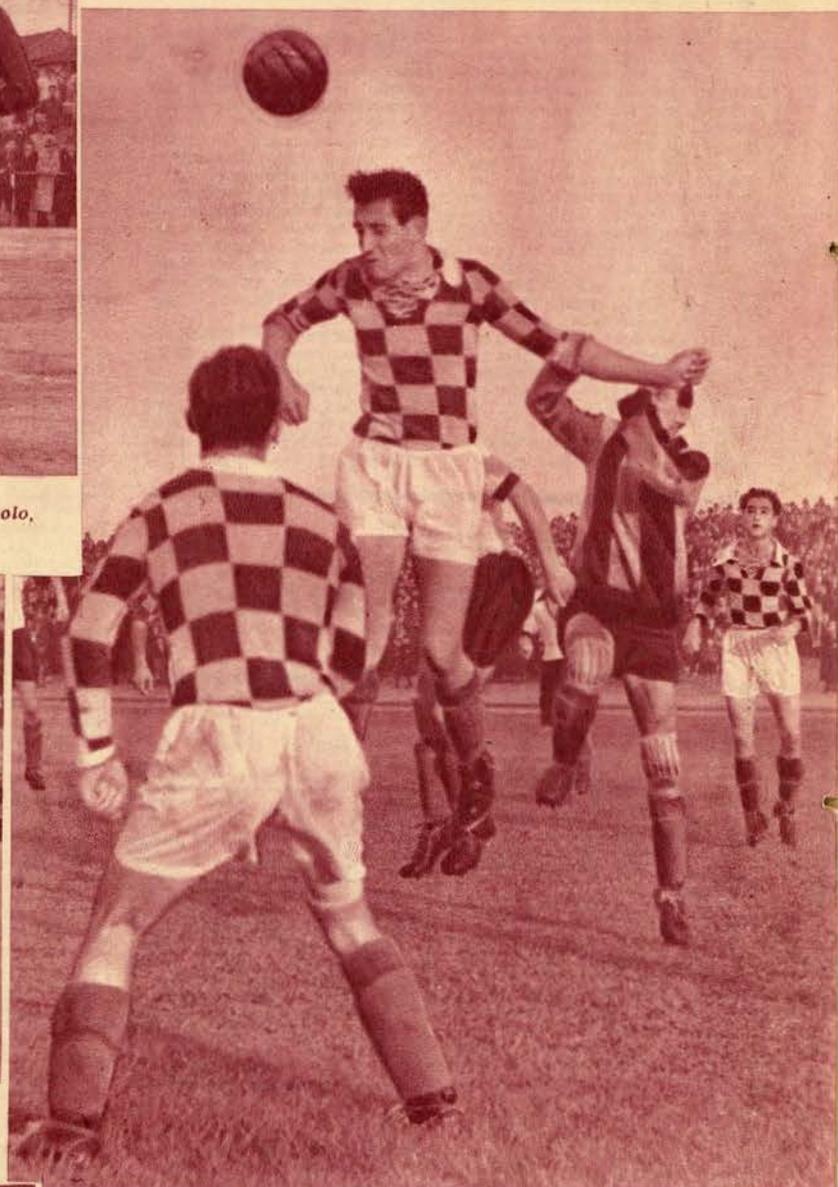


Correia Dias por entre a defesa adversária tenta um golo, de cabeça



Araújo vence João e é dele o remate, sem consequências

À direita: Atenta, a defesa do Boavista, altiva



SPORTING DE BRAGA — VIANENSE



Perigo na grande area vianense! Desta jogada resultou o golo vitorioso dos bracarenses



Daniel, do Sporting de Braga, ia bem lançado, mas Rogério estava atento ao lance

A BICICLETA

FLECHA

VENCEU A

XI VOLTA A

PORTUGAL



Stadium

Esc. 2\$00